

JÚLIA LOPES E CLARICE LISPECTOR ENTRE A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA

Maíra Honorato Marques de Santana¹

Iedo Paes de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo visa elaborar uma análise comparativa do contexto da literatura de autoria feminina em diferentes momentos históricos. Esta incursão vem da comparação da trajetória de diferentes escritoras, mais precisamente a de Júlia Lopes e Clarice Lispector. Mesmo sendo autoras de épocas históricas distintas, observam-se semelhanças no que tange as dificuldades no percurso de sua produção literária. Para desenvolver tal análise, será importante o arsenal teórico metodológico desenvolvido por Chartier a partir do conceito de função-autor que procura fazer uma releitura do lugar da autoria, bem como as noções de Heidegger sobre a partir do conceito de *Dasein*, que significa a atualização permanente do *ser*, este ser que em todo momento questiona a si mesmo. A linguagem é e desvela este *ser*. De forma a buscar investigar como o *ser* feminista está localizado em diferentes lugares do discurso, aferiu-se a presença desta narrativa feminina orquestrada pela escritora Clarice Lispector nas atividades jornalísticas tecidas como colunista e cronista na Revista Senhor, como também a circulação das obras de Júlia Lopes na *Belle Époque*, a última autora é uma das poucas escritoras a viver de sua pena. Desta forma, aferiu-se que mesmo observando os silenciamentos da história em relação à autoria da literatura feminina no Brasil, as estratégias tecidas por essas escritoras impuseram-se contra as dificuldades imputadas e através das constantes luta por espaço, atualizaram o *ser* feminino na literatura no Brasil.

PALAVRAS CHAVES: Literatura de autoria feminina, Historiografia feminista, Clarice Lispector, Júlia Lopes.

INTRODUÇÃO

Uma das primeiras observações a fazer na construção do pensamento feminista no Brasil, diz respeito ao mesmo relacionar-se à imprensa e a literatura de autoria feminina. Podemos apontar Nísia Floresta como a primeira mulher que publica seus textos no Brasil nos jornais de grande circulação, a pedagoga foi defensora que as mulheres frequentassem as escolas, o que só ocorreu a partir de 1830, e a partir de várias movimentações as escolas secundárias para mulheres somente abundariam em 1840. A imprensa feminista estava nascendo em meados de 1828, o Espelho Diamantino será o primeiro jornal voltado às mulheres. Este gênero foi bastante pronunciado ainda no Sec. XIX, ao total 143 jornais feministas circularam no Brasil em diferentes Estados, e além de denunciar a forte presença feminina, denotam a necessidade de comunicação e informação entre estas mulheres.³ A vida na imprensa também é observada na trajetória de Clarice Lispector, pois a escritora atuou como colunista sob vários pseudônimos em diferentes jornais. Nesta época verifica-se a

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco na qualidade de bolsista Capes, trabalho apresentado a disciplina de História da Literatura, mairahms@yahoo.com.br

² Doutor pela Universidade Federal de Alagoas, Orientador e professor Adjunto da Universidade Rural de Pernambuco.

³ Constância Duarte, 2016

expansão das atividades literárias no país, através do fortalecimento do jornalismo profissional, dos institutos culturais, da disseminação das universidades, da cultura do diploma, e proliferação de editoras no Brasil a partir da década de 1930, na qual o mercado livresco teve seu maior apogeu, fase descrita por Sergio Miceli como “o surto editorial”. Mas, contraditoriamente, até 1940, a maioria da literatura produzida nos romances não era escrita por mulheres, e mesmo as mulheres escritoras não foram beneficiadas pelo mercado do livro, mesmos que muitas mulheres viessem a publicar diversos romances, muitos inicialmente escritos nas notas de rodapé dos jornais, os textos da grande maioria das mulheres restringiam-se às colunas femininas e das atividades como cronistas. Podemos perceber que Clarice Lispector esteve bastante vinculada à imprensa na medida em que conseguia sua ascensão através do reconhecimento no setor jornalístico no qual também tecia propagandas de vários artigos de beleza. Após o apogeu do mercado livresco, o gênero adotado por Clarice é o estilo que mais vendeu no Brasil. A literatura destinada ao público feminino constituía um terço dos romances publicados no Brasil; a cada 156 romances publicados, 52 eram destinados ao público feminino, e em grande parte escrita por homens.⁴

Júlia Lopes por sua vez pertencia ao restrito círculo erudito da época, era conhecida entre o eixo Brasil – Portugal, entre seu vasto mosaico temático há mais de 10 romances, peças de teatro, novelas e contos e foi cronista efetiva do Jornal *O país* por mais de três décadas. Pertencia ao círculo mais alto da *Belle Époque*, e publicou sua primeira obra em 1888, ano de lançamento de *O ateneu*. Contrarrânea de João do Rio, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e outros escritores, sua produção foi legada a uma profunda invisibilidade na historiografia modernista, mais especificamente a historiografia produzida no período pós-vargas. Além desta questão verificou-se que mesmo inserida no mesmo contexto histórico de vários escritores homens, atuou em diversos jornais feministas, alguns com cerca de 25 mil exemplares de circulação, e fez com que a escritora tornasse-se na época ícone de valores republicanos, feministas e abolicionistas. Júlia Lopes mesmo assim nunca obteve reconhecimento necessário até hoje pela historiografia, como foi relegada à exclusão institucional pela Academia Brasileira de Letras quando seu nome mesmo arrolado a lista componentes, foi retirado da ata de posse, através de manobras misóginas que marcariam mais de 80 anos da formação da “Casa Machado de Assis”.

Todavia ao analisarmos a difícil trajetória de ambas as escritoras verifica-se que a mesmas conseguiram efetivar estratégias e espriar a literatura de autoria feminina em ambos

⁴ Constância Duarte, 2016

os momentos históricos. Argumenta-se que através da perspectiva desenvolvida por Chartieu o qual relativiza a posição do autor, o que significa que a autoria dilui-se, fazendo com que o texto tenha mais relação com lugar o qual ele é construído através das inúmeras subjetividades orquestradas dos lugares discursivos (a exemplo da mudança abissal da narrativa realizada pela escritora Clarice Lispector quando observamos as inúmeras colunas que tinham mais o propósito de vender artigos femininos, em relação aos seus romances) ambas as autoras difundem textos feministas no Brasil.

“A função-autor implica portanto uma distância radical entre o indivíduo que escreveu o texto e o sujeito ao qual o discurso está atribuído. É uma ficção semelhante às ficções construídas pelo direito, que define e manipula sujeitos jurídicos que não correspondem a indivíduos concretos e singulares, mas que funcionam como categorias do discurso legal. Do mesmo modo, o autor como função do discurso está fundamentalmente separado da realidade e experiência fenomenológica do escritor como indivíduo singular. Por um lado, a função-autor que garante a unidade e a coerência do discurso pode ser ocupada por diversos indivíduos, colaboradores ou competidores. Ao contrário, a pluralidade das posições do autor no mesmo texto pode ser referida a um só nome próprio”(CHARTIER,1999, p.199)

Através de algumas premissas elaboradas por Martin Heidegger compreendemos que mesmo em diferentes lugares discursivos as mulheres foram porta vozes do ser feminino presente de sua época, materializando-se através do *ente* que foram as colunas jornalísticas, romances de formação, crônicas, e vários escritos. A presença não é um ente, é um ser ontológico, que tem a finalidade de deixar explícito o questionamento do ser, o *Dasein* é a presença e só se compreende a partir da tradição⁵. Desta forma a presença deste ser feminista em ambos os períodos históricos irá se difundir de alguma forma a partir das trocas simbólicas de inúmeras mulheres e que atravessa a história do nosso país. Essas escritoras

⁵ Para Heidegger, o ser humano é considerado como *Dasein*, ou seja, um ser entre o resto dos seres por meio do que o Ser se torna manifesto com a revelação de todos os seres em que e como é. Como tal, *Dasein* (ou Existência) é pensado como sendo um “eu”, mas não um “sujeito”. Ser um sujeito significa relacionar-se com todos os outros seres como “objetos” para os quais o sujeito é o único ponto de referência para determinar o que quer que possam “significar”. Assim, todos os seres são objetos para sujeitos, ou sujeitos que servem como objetos para outros sujeitos (ou para si mesmos). (RICHARDSON, p.25, 2006)

através do discurso predominante na época, a linguagem jornalística, construíram um grande arsenal literário e foram referência para muitas mulheres de sua época, e assim como João do Rio que elaborava críticas imperceptíveis nos jornais que trabalhou, como, por exemplo, no Jornal O riso. Através desta pesquisa encontramos um campo profícuo de análise quando observamos que mesmo num espaço restrito de produção atravessado pelas instâncias de dominação⁶, quando pensamos que o mercado editorial e os jornais atendem as demandas dos editores e donos dos jornais, as mulheres conseguem criar estratégias e difundir textos feministas.

METODOLOGIA

De forma a buscar um diálogo entre a filosofia da linguagem, a partir da constante atualização do ser⁷, que só pode ser verificada na experiência, a partir do movimento da presença, portanto, do Dasein, na realidade empírica, esse ente feminista é observado em diferentes lugares, por isso o corpus do trabalho serão as cartas, a crítica literária, os estudos científicos atuais que dissertam sobre as peculiaridades de consagração das mulheres no mercado editorial, e institucional. Far-se-á um recorte metodológico a partir da mobilidade textual que esse lugar textual concedeu a essas mulheres na qual os textos jornalísticos formam o conjunto daquilo que Antônio Cândido chamou de sistema literário⁸. O teórico aponta que um sistema ou um campo literário não existem sem o lugar da “autoria”, da recepção e da circulação das obras literárias. Desta forma aproximamos essa perspectiva da compreensão de Chartier na qual a função-autor é bastante importante, pois denota que o lugar da autoria é simultâneo ao lugar de circulação das obras, quer dizer que a autoria envolve um lugar de dominação no conjunto de produção de uma obra artística⁹. O sistema literário enuncia um lugar de poder e dominação. Pontuar essas questões é de grande importância quando percebemos o contexto das relações de poder e a literatura de autoria feminina quando fazemos uma investigação do contexto social para as escritoras da época e percebemos uma profunda dificuldade da literatura escrita por mulheres consolidar-se.

⁶ O artista só ganha autonomia quando há independência financeira e neste sentido a herança que Flaubert recebeu e o surgimento da imprensa no contexto francês na época são aspectos impulsionadores na formação de um campo literário na França, e particularmente explica a posição de vanguarda que Flaubert desempenhou no campo literário. Por isso faz-se importante na análise do campo literário para perceber a relação do artista em relação a outros artistas e instituições. Por isso o artista aspirante é submetido às regras do campo literário, nos quais os artistas já reconhecidos tem maior poder em fator do acúmulo e tempo imerso no campo pretendido. (BOURDIEU, 1996)

⁷ Richardson, 2006.

⁸ Antônio Cândido, 1985

⁹ Chartier, 1999.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade escrita sempre teve um papel demarcatório no que diz respeito ao entrecruzamento de várias dimensões sociais e automatização de muitos aspectos da sociedade. É possível perceber que várias nuances que compõe as dimensões da literatura tanto oral quanto escrita são modificadas pela dinamização da vida social. Podemos citar, por exemplo, os quartetos de músicas que até hoje perduram como uma atualização dos seresteiros vienenses que não podiam transportar o cravo, pois era muito pesado. Assim como modernização mudou, em grande medida, as referencializações na poesia para objetos e sensações abstratas, a imprensa escrita transformou em grande parte a literatura. Antônio Candido em um primoroso livro *Literatura e Sociedade* destaca que a crônica nasce numa dessas intersecções de técnicas na história da arte. Houve não só uma mudança nos perfis dos personagens como nas composições da narrativa, ocorreu também a inserção de outros gêneros literários, os romances de folhetins são uma dessas formas de adaptação da linguagem literária para uma linguagem jornalística, na qual destaca-se o cotidiano e o transitório mesmo sendo construído a partir de uma narrativa ficcional, e ganhou um quarto de século depois o mundo.¹⁰ Diante da grande experiência acumulada a partir das atividades jornalísticas, e bastante influenciada por esse tipo de literatura, Clarice Lispector modificou muito a sua narrativa desde o lançamento do livro *Perto do Coração Selvagem*. Podemos apontar *A hora da estrela* como um romance que traz essa nova dimensão estética na qual se beneficia das atividades como colunista, cronista, repórter e fez deste espaço um laboratório experiencial. O contato diário com os leitores, suas impressões, as cartas que recebia e a própria condição de ter que escrever todo dia mesmo que sem inspiração treinaram a linguagem da autora que consegue agradar a difíceis públicos, os mais elitizados.

Antes de trabalhar como cronista na revista *Senhor* Clarice acumulou profunda experiência em três colunas que escreveu a partir de pseudônimos. Embora vivenciando todo este contexto difícil, os enredos trazidos na sua linguagem jornalística têm bastante relação com os dilemas enfrentados pelas mulheres na sociedade na época. Por isso argumenta-se que em 1952 quando assinava “Entre Mulheres” no tablóide *O Comício*, como Tereza Quadros, com uma crônica irônica de como matar baratas a autora se populariza bastante, e ela passa a consagrar-se como cronista no meio jornalístico. Com o seu retorno definitivo em 1959, na coluna “Correio Feminino”, no *Jornal Correio da Manhã* através de outro pseudônimo, Helen Palmer a qual era patrocinada por várias empresas de artigos femininos,

¹⁰ Antônio Cândido, 1985

entre estas a Empresa Pond's Publicidade que encomendou uma crônica que ensinava as mulheres a usar cremes estéticos, ganha maior projeção através de receitas de como conquistar o homem amado, sem conseguiu perder seu teor crítico ao criticar a beleza em série: afirmava que a mulher tinha que conquistar o próprio rosto. Após o notório sucesso, também passa a assinar outra coluna através do pseudônimo de Ilka Soares, no Correio da Noite, na página “Só para Mulheres”.¹¹

Ainda em 1960 escreve para a Revista Senhor voltada para um público masculino e elitizado. Entretanto, Clarice ainda encontrava dificuldade para publicar *Laços de Família e Maçã no Escuro* (que estava há 5 anos esperando pelo patrocínio de alguma editora). Esse trabalho vem destacar que após o notório sucesso na Revista Senhor e crescimento das colunas assinadas por pseudônimos, as quais se popularizam bastante, Clarice consegue recuperar a credibilidade do mercado editorial da época, facilitando a publicação de um novo livro chamado *Laços de Família* (1960). Após a sua reinserção no campo consegue recuperar seu estilo mais intimista e publica livros considerados mais herméticos que os anteriores, como os romances “*A Paixão Segundo G.H* (1964)” e “*Água Viva* (1967)”, e também escreve contos até o final da sua vida, como a publicação do livro “*Onde Estivestes de Noite*” (1974). Desta forma, destaca-se este período de dificuldade que a autora vivenciou e as estratégias que a autora procurou para legitimar-se no campo literário no Brasil dialogando com as impressões de revistas, da Academia Brasileira de Letras, dos críticos literários e dos escritores da época, relações nas quais se constitui o campo literário no Brasil. Clarice desta forma também vivencia vários tipos de silenciamentos, como a exemplo da sua mudança de narrativa metafórica e diacrônica presentes em *Maçã no Escuro* para uma linguagem mais coloquial de *Laços de Família*, como também a dificuldade que tinha de publicação de seus livros. Esses silenciamentos também são observados na mudança de temática que operou alterando os enredos de violência psicológica vivenciados pelas mulheres e cenários de violência de gênero, em todos os seus primeiros livros, principalmente em *Perto do Coração Selvagem* e *Maçã no Escuro*, para uma narrativa mais próxima da construção de estereótipos que venham a reforçar o ideário masculino, através da descrição das relações familiares, conjugais e patriarcais da época.

Como efeitos dos impactos positivos causados pelas colunas jornalísticas no mercado editorial da época, destacamos como marco histórico o lançamento o livro “*Laços de Família*”, momento em que Clarice consegue consagrar-se entre as regras “inconscientes” do

¹¹ Aparecida Nunes, 2006

campo literário. Ressalta-se que a partir da produção ostensiva de crônicas, e o sucesso e grande repercussão nos jornais da época que resulta diretamente na opinião do mercado editorial e a partir disso, na medida em que as colunas vão se popularizando nos três jornais que escrevia, consegue publicar “A Maçã no Escuro” e ganha também o Prêmio Jabuti com Laços de Família. Ao observar o trabalho produzido por Clarice Lispector nessas diversas colunas percebemos que havia uma *presença* feminista acerca da reflexão tecidas pelas mulheres na imprensa feminina, que existia antes mesmo no nascimento de Clarice Lispector. A partir da reflexão realizada, percebe-se que Clarice Lispector se utilizou das colunas femininas como estratégias para manter-se viva no sistema literário da época. Desta forma percebe-se a importância da *presença* desse ser feminista bastante pronunciado através destas atividades jornalísticas o qual tinham um público bastante extenso, que lia os mais de 143 jornais feministas que circularam no Brasil Império até a República.

Período mais intenso da escritora Clarice Lispector em relação à publicação de romances, crônicas e romances.				
Local de trabalho/ ano	Crônicas	Contos	Romances	Colunas
O Comício - Jornal 1952		Publica o livro Vários Contos (1952)		<i>17 edições* de “Entre mulheres” sob o pseudônimo de Tereza Quadros 17 colunas</i>
Período que estive no exterior (1952 a 1959)			Finaliza Maçã no Escuro (1961) , publicado 6 anos depois de pronto	
Correio da Manhã – 1959/1961 - Jornal				<i>128 edições “Correio feminino” sob o pseudônimo de Helen Palmer</i>
Diário da Noite – 1960- 1961/ Revista Senhor (1961-1964)	Realiza inúmeras crônicas na coluna “Childrens of Corner’s”	Publica 6 contos do livro Laços de Família (1960) . (premição - Jabuti)	Publica A Maçã no Escuro (1961), A Paixão Segundo G.H(1964) e Felicidade Clandestina (1964).	<i>291 edições “Só para mulheres” sob o pseudônimo de Ilka Soares</i>

Fonte: Elaboração própria

Júlia Lopes que dividia a mesma redação de jornal que vários escritores famosos, como Machado de Assis, Euclides da Cunha e Olavo Bilac atuou por mais de três décadas no jornal O país, e era a mulher mais atuante na literatura de autoria feminina, quando vem a falecer em 1934.

“A contribuição de Júlia Lopes para jornais e revistas se estendeu por mais de trinta anos, priorizando a publicação de crônicas

que versavam sobre temas como encômios à Abolição e à República, a importância da educação feminina, os conflitos conjugais, alguns dos quais trataremos no próximo item. Tendo sua trajetória marcada por contribuições para diversas revistas femininas, Júlia Lopes fundou, em 1919, ao lado de Cassilda Martins, o *Nosso Jornal*, ano em que é criada, no Rio de Janeiro, a *Legião da Mulher Brasileira*, da qual fora presidente honorária. Além disso, o período que enfeixa os anos 1914 e 1935 foi marcado pela publicação da *Revista Feminina*, periódico dirigido por Virgilina de Souza Salles, do qual Júlia se tornou colaboradora. Tendo entre seus colaboradores jornalistas e escritores consagrados, o periódico também possuía uma coluna, intitulada “Jardim Fechado”, que recebia textos de leitores. Além de Júlia Lopes, os colaboradores mais importantes eram Cláudio de Souza, que assinava os editoriais com o pseudônimo Ana Rita Malheiros, Chrysanthème (pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo Vasconcelos), Coelho Neto, Menotti del Pichia e Antônio Austregésilo. A revista tinha como alvo o público feminino, abrangendo seções sobre etiqueta, culinária, relacionamento conjugal, comportamento feminino, moda, artesanato. Dentre as seções que compõem a revista, é possível destacar: “O que uma boa dona de casa deve saber”, “Como enfeitar minha casa”, “Receitas de Toilete”, “O menu de meu marido”, “Trabalhos de agulha” etc. Contos, charges e publicidade também faziam parte do rol temático do periódico. Com sede em São Paulo, a revista podia ser adquirida avulsamente ou por meio de assinatura, No entanto, “o feminismo defendido pela *Revista Feminina* “além de preservar os papéis tradicionais da mulher, mantém-se fiel à antiga concepção da Igreja da autoridade do marido e obediência da esposa” (Lima apud RAGO, 2005). Eram comuns as premiações oferecidas aos leitores, quando estes indicavam novos assinantes. Piano e enxoval para noiva estão entre os itens divulgados pela revista. Com uma abrangência nacional, a *Revista Feminina* chegou a alcançar uma tiragem mensal de 25 mil exemplares, inserindo-a no seleto grupo das revistas de maior circulação no período, por conseguinte, projetando os seus articulistas (MALUF & MOTT, 2006: 639). (FANINI, 2009, p 124)”

Sua estreia deu-se ainda aos 19 anos e a partir de então acumulou vasta experiência em diferentes jornais. Júlia Lopes além de escrever peças de teatro escrevia inúmeros contos infantis que se tornou obrigatório em várias escolas primárias por mais de duas décadas, influenciando grandes escritoras como Cecília Meireles. Júlia Lopes mesmo tendo bastante influência no contexto social da época, foi relegada ao esquecimento, podemos apontar a mudança estilística na literatura encampada no modernismo, mas também, principalmente, pelas questões relativas às questões de gênero, que impediram que a autora entrasse na Academia Brasileira de Letras. Um assunto aparece recorrente em suas obras : o agrupamento de mulheres. A perda do marido/pai, em *A Falência*, é uma chance para novas possibilidades de vida. Expõe a concorrência comercial e o denominado progresso como subprodutos de

uma cultura masculina e financista que criou um mundo onde só o lucro importa, onde existem desigualdades e injustiças, onde a mulher é subordinada, ignorante e não está preparada para a vida. Por causa desse insucesso, da Falência, inúmeras mulheres mudam-se para uma casa afastada, à margem da cidade, e começam um aprendizado de vida, de trabalho e do cuidado com a autossustentabilidade.

CONCLUSÕES

Este artigo visa ressaltar, portanto, que os silenciamentos vividos por Júlia Lopes, assim como o distanciamento da crítica editorial aos textos de Clarice tinha um objetivo de calar esse *ser* feminino que está em atualização permanente, e sempre se questiona, que fala independente da época histórica¹². Podemos apontar que esse reconhecimento se deu a duras penas e é relatado em algumas por pesquisas atuais realizadas pelo universo acadêmico, mais precisamente pela pesquisadora Aparecida Nunes¹³, que foi a primeira pessoa que investigou a vasta produção de Clarice Lispector nas atividades jornalísticas. Atividades estas desconhecidas para a maioria de seu público leitor, já que a mesma atuou por pseudônimos nas mais de 400 colunas e crônicas que escreveu durante toda sua vida. Podemos perceber que a facilitação e aceitação de dos editores de sua obra deu-se bastante através da popularidade que teve através destas colunas, mais precisamente na Revista Senhor. A relação difícil com o mercado editorial impediu-as de negociar seus direitos autorais e esboçam um traço profundamente androcêntrico de um universo dominado pelos homens, do crítico literário ao editor de livros.¹⁴

¹² Heidegger, 2002

¹³ Aparecida Nunes, 2006

¹⁴ “Washington, 10 de março de 1959 Exmo. Sr. José Simeão Leal Serviço de Documentação Ministério da Educação e Cultura Rua da Imprensa, 16 9º andar, sala 902 Rio de Janeiro, D.F. – Brasil Prezado Simeão, desisti de lhe escrever há vários anos, sabendo, por experiências repetidas, que, sendo pouco o seu tempo, eu não receberia resposta. O que explica por que enviei mensagens por amigos. Minha última tentativa foi por intermédio de minha amiga e concunhada, Eliane Gurgel Valente. Acabo, porém, de receber as provas do livro de contos – o que me deu a súbita esperança da possibilidade de um contato direto, com resposta de sua parte. Ou estarei sendo otimista...? Há quatro anos os originais dos contos estão em suas mãos para serem publicados. (Continuo considerando uma de minhas experiências agradáveis o fato de Você me ter encomendado os contos – e eu, tão difícil de escrever ficção por encomenda, ter vitoriosamente conseguido.) Recebi dois ou três mil cruzeiros em pagamento prévio. Com a demora de publicação, e com a falta de resposta às minhas cartas, considere-me desobrigada de meu acordo com Você. Restavam os dois ou três mil cruzeiros que me tinham sido pagos – e que eu autorizei a Sra. Eliane Gurgel Valente a restituir, em troca dos originais a que eu me considerava com direito. Sua resposta foi negativa. Aqui, nesta carta, quero reiterar minha proposta – desta vez enfim diretamente, animada pelo fato de Você me ter escrito. A proposta continua a mesma: estou pronta a devolver os dois ou três mil cruzeiros, em troca do direito de dispor de meus

Michele Fanini por sua vez ao fazer o resgate histórico de Júlia Lopes, verifica que além dos vazios institucionais ocasionados a partir de sua não entrada na Academia Brasileira de Letras, que há vários resquícios dessa *presença* ou *entificação* feminina negada na história da Academia Brasileira de Letras em relação a várias escritoras tais como a desconsideração da escritora Carolina Michaelis como possível concorrente, Amélia Beviláquea e Dinah de Queiroz. As manobras e silenciamentos que passou Júlia Lopes pela casa que ajudou a fundar, premiou seu marido como titular da cadeira que era sua, como prêmio de consolação por seus esforços. Só observamos a reparação institucional das mulheres poderem ser inseridas na referida instituição no ano de 1976, quando por unanimidade a instituição resolver realizar uma retificação no regimento interno que prevê a inserção de escritores sem serem do “sexo masculino”. Na busca de questionar a “oficialidade” da história que relegou ao ostracismo

originais. Estou precisando de dinheiro, e quero vender os contos separadamente, a jornais ou revistas. Ser publicada por Você é uma honra. Além do mais, Você é um amigo, e pessoa que admiro e respeito. Mil vezes eu teria preferido que Você tivesse atendido minhas mensagens (sobre devolução dos contos) durante os quatro anos. Lamento a coincidência de Você só me ter escrito na hora de me mandar as provas. Ter enfim me escrito, me deu, como eu disse, a esperança de um contato direto. Mas é com infinito desgosto que percebo o perigo da coincidência – poderia parecer que, tendo as provas comigo, eu lhe faço a proposta da devolução dos contos. Você e eu, além das pessoas que gentilmente se encarregaram de lhe transmitir minhas mensagens, sabemos que há muito eu queria os originais de volta. Você me prestará um favor ao me atender. Ao Ministério de Educação obviamente não interessa a publicação dos contos, ou estes não teriam ficado numa gaveta durante quatro anos. E a mim – por motivos claramente financeiros e de certo modo urgentes – me interessa publicação comercial, mesmo sem a honra de ter livro publicado por Você. Uma coisa me aborrece: se o livro chegou a ponto de provas, isso significa provavelmente alguma despesa da parte do Serviço de Documentação, despesa que não estou, infelizmente, em situação de indenizar. Mas, por outro lado, uma coisa me consola. É que também eu tive prejuízos. Durante os quatro anos, recebi, vez por outra, recados mandados por Você, garantindo que o livro estava “prestes a sair”, e “já em provas”. Isso me impediu de vender os contos separadamente a jornais e revistas, pois “em breve” os contos, senão publicados por Você, não seriam mais inéditos – e eu não podia vender um conto que poderia ao mesmo tempo sair em livro. Recusei propostas nesse sentido, propostas que me interessavam. Só uma vez resolvi – diante da coisa cada vez mais vaga que se tornara a publicação do livro – assumir compromisso. Aceitei uma proposta de O Estado de S. Paulo. Acontece que eles só chegaram a publicar um conto. Pois, em seguida ao recebimento do cheque, recebi daquele jornal uma carta, justamente indignada, dizendo que, se eu dera a eles exclusividade de publicação, não deveria ter dado um conto a um jornal do Rio. Acontece que esse jornal do Rio não me pediu pessoalmente nenhum conto, não avisou que publicaria, nem explicou como tinha conto meu em mãos. O jeito que dei foi escrever uma carta de desculpas ao Estado de S. Paulo – e perdi o contrato. Com isso, Simeão, quero lhe dizer que, para paz de minha consciência, tive prejuízos certamente comparáveis aos do Serviço de Documentação em preparar provas. Até um ano atrás, esses prejuízos não me afetavam substancialmente. Mas agora tenho que tentar vender os contos separadamente. Por favor, leia esta carta com compreensão. A mesma que tive durante quatro anos... Sua amiga Clarice Lispector” (LISPECTOR,2002, p.204)

ambas as autoras, observamos os diferentes momentos delicados vividos pelas escritoras Clarice Lispector e Júlia Lopes.

Tecendo uma reflexão através das oportunidades concedidas no contexto da profissionalização dessas mulheres, bem como do acesso à educação que proporcionaram as referidas trajetórias e aos resultados a que chegaram, depreende-se que as diferentes épocas históricas guardavam suas formas específicas de práticas culturais que passadas de geração em geração fariam com que as mulheres acumulassem desvantagens no que tange as oportunidades de difundir a literatura de autoria feminina. Percebeu-se que no entresséculo os acessos formais eram bastante restritos ao mundo do trabalho. Além do trabalho das mulheres serem consideradas como amadores ou até mesmo de serem inviabilizadas, percebemos que essa perspectiva nasce da escolarização tardia permitida às mulheres. Mesmo ingressando no ensino escolar várias mulheres tinha aulas diferenciadas do que os homens, a elas eram ensinadas a serem donas de casa. Registrou-se que apenas as mulheres abastadas tinham acesso a educação secundária e superior, sendo obrigatório e público apenas o ensino primário. Desta forma percebemos o quanto muitas mulheres seriam excluídas da formação intelectual, aprendendo somente o básico para conviver entre os demais.

Há de se destacar que ambas as escritoras compõe um nicho de escritores que dispunham de grande capital social, que dizem pertenciam há um grupo de notáveis, os quais lhes concediam bastante prestígio entre seus pares. Podemos apontar que Júlia Lopes, filha de portugueses e herdeira de uma grande fortuna, teve uma educação que zelou bastante pelas atividades literárias como também já aos 19 anos, trabalhava como cronista em vários jornais. Em relação à Clarice observamos que mesmo sendo bastante pobre na infância, através de contatos tecidos por suas irmãs no Rio de Janeiro logo integrou-se a vários representantes do governo da Era Vargas, e pelas suas competências escolares, por seu capital cultural, foi contratada como tradutora no primeiro jornal que trabalhou e isso abriria inúmeras portas por onde passou. Contudo, mesmo em épocas históricas distintas observamos a importância que *Belle Époque* ocasionou para a formação de ambas as autoras, o Rio de Janeiro torna-se a primeira capital cultural do país, através da criação da Academia de letras que ia dinamizar e consagrar a cidade como lugar de inúmeras produções artísticas. Essa estrutura privilegiada alcançou até a década de 1940, onde ainda verificou-se a existência de inúmeros períodos feministas, jornais nascidos antes mesmo da instauração da república, e bastante presentes na vida profissional de Clarice Lispector.

Podemos dizer, portanto, que a luta dessas mulheres em profissionalizar as atividades literárias e difundir os textos feministas fazem parte de um contexto no qual as atividades

intelectuais eram, em grande medida, interditas às mulheres, e desta forma a luta de ambas as escritoras a fazer parte da vida intelectual traduz-se na necessidade desse ser, através do *dasein* em questionar-se e se atualizar. Através do arcabouço teórico que compreende o ser a partir da forma com que ele manifesta-se, o estudo dos diferentes lugares da linguagem torna-se uma estratégia e questionamento da tradição e denota a existência e constante necessidade de compreender os fenômenos da existência, o qual faz parte a história do pensamento das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. *Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- ALMEIDA, Adriana. *Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 208. 2015.
- ARAÚJO, MARTA. *Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania dos textos literários*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco p. 112. 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 432.p.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989
- BRITO, Clóvis carvalho. *Clarice Lispector e Erving Goffman: narrativas microsociológicas*. Rev. Baleia na rede [online]. 2010, n. 7, 153 -166. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Clarice_e_Erving.pdf
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CÂNDIDO, Antônio. *No Raiar de Clarice Lispector*. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1970. p. 27-33. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/253799002/No-Raiar-de-Clarice-Lispector>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- CAVALCANTI, Vinícius Manrique. *Bourdieu leitor de Weber: pistas para uma gênese do conceito de campo*. Rev. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, 2012. p.26-46.
- CEBRAP. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: bloco quantitativo*. São Paulo: CEBRAP, 2016.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- HEIDEGGER, MARTIM. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. petrópolis: Vozes, 2002
- LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Org. Tereza Monteiro. Rio de Janeiro. Rocco: 2002
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. Senac, 2006.
- RICHARDSON, William. *Heidegger e a Subjetividade*. Rev. IHU Online, Rio Grande do Sul, 2006 n 187, pp.23-32.
- ROGER, Chartier. *Literatura e História*. Rev. Topoi, Rio de Janeiro, 1999, nº 1, pp. 197-216.